



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS

RAYANE SÁTIRO DE ALMEIDA

**ALICE E GABRIELA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NEGRA NA LITERATURA MILITANTE DE AFONSO
HENRIQUES DE LIMA BARRETO**

Recife

2022

RAYANE SÁTIRO DE ALMEIDA

**ALICE E GABRIELA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA
NA LITERATURA MILITANTE DE AFONSO HENRIQUES DE
LIMA BARRETO**

Trabalho de Conclusão do Curso Graduação
em Letras, apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Letras.

Orientador: Profº. Drº. Ricardo Postal.

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Almeida, Rayane Sátiro de.

Alice e Gabriela: a representação da mulher negra na literatura militante de Afonso Henriques de Lima Barreto / Rayane Sátiro de Almeida. - Recife, 2022.

47 p.

Orientador(a): Ricardo Postal

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2022.

1. Literatura brasileira. 2. Raça. 3. Gênero. 4. Mulher negra. 5. Afonso Henriques de Lima Barreto.. I. Postal, Ricardo. (Orientação). II. Título.

800 CDD (22.ed.)

RAYANE SÁTIRO DE ALMEIDA

**ALICE E GABRIELA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA
LITERATURA MILITANTE DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador
Prof. Dr. Ricardo Postal
Universidade Federal De Pernambuco

Examinadora
Profa. Me. Adriana Minervina da Silva
PPGL - UFPE

Recife, 16 de maio de 2022

“E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, as idéias e as pessoas em putrefação. E creio que um homem que toma posição contra esta morte, é, em certo sentido, um revolucionário.” (FANON, 2008, p. 186).

Resumo: Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) destaca-se por sua literatura e ideal militantes, evidenciando em seus textos questões de política, classe e negritude, especialmente raça e racismo, sendo possível constatar a problematização especificamente do papel da mulher negra, costurando juntas as temáticas de raça e gênero. Com o objetivo de refletir acerca deste tema, por meio de uma análise das personagens femininas negras presentes nos contos *Um especialista* e *O filho da Gabriela*, de 1915, este trabalho pretende compreender como se dá a representação do papel social da mulher negra na literatura militante do autor Lima Barreto. Será lançada luz no papel da mulher negra na sociedade e literatura brasileira do início do século XX, quebrando com o silenciamento dessas mulheres em ambos os âmbitos. Desta forma, evidencia-se que o autor não ignora, todavia, ressalta como a raça e o gênero estão entrecruzados, sendo possível notar elementos da Teoria Interseccional na problematização que o narrador barretiano traz. Assim, fica notório o caráter visionário de Lima Barreto, fazendo dele um autor fiel ao seu ideal de uma literatura que deveria ser compreendida e exortando o leitor a lutar contra qualquer forma de opressão, tornando-o um autor deveras relevante na atualidade.

Palavras-chave: Raça. Gênero. Mulher negra. Afonso Henriques de Lima Barreto.

Abstract: Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) stands out for his militant literature and ideal, evidencing in his texts issues of politics, class, and blackness, especially race and racism, thus, it is possible to notice the problematization of the role of black women, interlacing the themes of race and gender. To reflect on this theme, through an analysis of the black female characters present in the short stories *Um especialista* and *O filho da Gabriela*, published in 1915, this paper intends to understand how the representation of the social role of black women takes place in the author's militant literature. Light will be shed on the role of black women in Brazilian society and literature in the early 20th century, breaking with the silencing of these women in both areas. Consequently, it will be evident that the author does not ignore, but emphasizes how race and gender are intertwined, making noticeable the elements of the Intersectional Theory in the problematization that Barreto's narrator brings. Therefore, Lima Barreto's visionary character is conspicuous, making him an author faithful to his ideal of literature that should be understood and exhorting the reader to fight against any form of oppression, making him an author highly relevant today.

Keywords: Race. Gender. Black woman. Afonso Henriques de Lima Barreto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3 METODOLOGIA.....	20
4 A MULHER NEGRA NA OBRA DE LIMA BARRETO.....	22
4.1 A CRÍTICA À OBRA DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO....	22
4.2 A MULHER NA OBRA DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO.....	26
4.3 ARTICULAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO EM AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) é conhecido principalmente por sua literatura militante: suas obras são carregadas de críticas severas, muitas vezes satíricas e irônicas, que visavam problematizar a sociedade em que ele mesmo vivia no Rio de Janeiro. Considerado por muitos um pré-modernista, suas obras carregam características modernas e trazem elementos das novas tecnologias que surgiram no Brasil no fim do século XIX e início do século XX.

Lima Barreto é um autor um tanto quanto ignorado no cânone da literatura brasileira. Entre seus contemporâneos, críticos como João Ribeiro, Oliveira Lima, Nestor Victor, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde e Agrippino Grieco, teceram comentários sobre seus livros. Lima Barreto, no entanto, só passou a aparecer nos livros de história da literatura e nos compêndios escolares a partir de 1933, anos depois de sua morte. Foi, ainda, estudado no exterior por Robert L. Scott Buccleuch, Robert A. Oakley, Raymond Sayers, Ralph E. Dimmick, Gregory Rabassa, e Robert D. Herron (BARBOSA, 2017). Foi, na verdade, Francisco de Assis Barbosa o grande responsável por dar um lugar de destaque a Lima Barreto na literatura brasileira, dado que foi ele o autor de sua primeira biografia, *A vida de Lima Barreto* (1988), além de publicar a primeira coletânea de obras do autor carioca, chamada *Obras completas* (1956).

O autor, homem negro, tratava a realidade de forma por vezes crua até demais para certos críticos, um tanto despreocupado com formas narrativas, sendo considerado um escritor de *roman à clef* (PACHECO, 2017; BARBOSA, 2017). Lima Barreto sabia não ser reconhecido e esse fato o incomodava, mesmo assim, se recusou a mudar sua literatura para que ela fosse melhor recebida pela crítica (BORGES, 2011), visto que sabia que ao menos parte do que o fazia ser ignorado era sua linguagem simples e a escolha de utilizar-se de comentários espinhosos contra diversas figuras de poder, além de expor as problemáticas da nação brasileira, as quais muitos tentavam fingir não ver.

O autor acreditava que a escrita não deveria se prender a formas pomposas, excepcionais, mas sim, ser compreendida, entendida, acima de tudo (BARRETO, 2010). Para ele, era bem mais valorosa a substância da obra do que sua aparência, por isso, em seus textos ele enfoca sempre a crítica

social, porquanto defendia que o dever do escritor era tornar a literatura acessível a todos. Barreto não queria silenciar, ser apenas um quieto observador de seu tempo, ou omitir-se, mas sim usar de sua escrita como ferramenta de combate contra o que julgava incorreto e contra as mazelas da sociedade brasileira (TEIXEIRA, 1980).

Como jornalista, a quantidade e qualidade de seus textos não deixou a desejar, enchendo facilmente volumes de livros e abrangendo uma variedade significativa de assuntos, tanto no Brasil como no exterior. Lima Barreto também discorreu acerca dos eventos marcantes da história europeia, tecendo comentários bastante lúcidos sobre a Primeira Guerra Mundial; ele já previa a possibilidade forte de uma Segunda Guerra (OAKLEY, 2011). Consequentemente, o autor é até hoje fonte de estudos históricos e sociológicos, com ênfase para os que buscam entender a sociedade carioca do começo do século XX, um período de mudanças profundas no cenário brasileiro.

Diversas vezes, seus textos discutiam questões de política, classe e negritude, especialmente raça e racismo, tendo ele nascido em 1881, e morrido em 1922, precisamente no período antes e pós-abolição (1888). Nessas obras, é possível observar a problematização especificamente do papel da mulher negra, costurando juntas as temáticas de raça e gênero. Esses temas, destarte, fazem-se essenciais para pensar a obra do autor, e, devido a isso, faz-se necessário definir alguns conceitos neste trabalho.

O termo racismo aqui será entendido como a crença, a afirmação, ou o entendimento de que exista alguma superioridade de uma raça sobre outra, servindo assim para justificar a dominação racial em vários âmbitos, inclusive o institucional. Tal qual Campos (2017), entende-se neste trabalho que o racismo é um fenômeno social que se constitui pelas relações ontológicas entre cultura, agência e estrutura. É crucial saber também que raça é uma construção histórico-social convencionada que se mantém atrelada ao imaginário da sociedade, entretanto sem nenhuma base científica relevante (MUNANGA, 2000). Assim como raça, considera-se gênero uma construção histórico-social, ou melhor, como entende Butler (2018) um ato performativo.

Nesta análise será levada em consideração a articulação entre gênero e raça, visto que acredita-se que o racismo não é um tipo independente e demarcado de dominação, mas, na verdade, se interliga, por vezes, com

gênero e outros marcadores (BRAH, 2006). Destarte, este trabalho dialoga também com a produção acadêmica de Lélia Gonzalez (2020), tendo a antropóloga como uma das principais perspectivas deste trabalho no tocante à articulação das opressões que o racismo e sexismo exercem sobre a mulher negra.

Ainda que a Interseccionalidade não seja um tema comumente abordado dentro da literatura, Lima Barreto é, sem dúvidas, um autor no qual é possível notar indicações desse debate — ainda que tenha morrido antes da Teoria Interseccional nascer —, visto que sua postura crítica em relação ao seu contexto sócio-histórico e seu caráter muitas vezes visionário já apontava para uma discussão que demoraria muitas décadas para se popularizar e ganhar algum espaço no meio acadêmico. Logo, cabe questionar: Quais as intersecções de raça e gênero que podem ser notadas na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto? De que forma o autor constrói e desenvolve suas personagens femininas negras? Como estas personagens integram sua literatura militante?

Portanto, tem-se como objetivo nesta pesquisa refletir acerca da articulação entre raça e gênero na obra de Lima Barreto, por meio da análise das personagens negras presentes em contos de sua autoria. São, por isso, objetivos específicos: pesquisar sobre o conceito de Interseccionalidade, com foco principalmente nas articulações entre raça e gênero; expor de que forma Afonso Henriques de Lima Barreto construía e desenvolvia suas personagens femininas negras; demonstrar de que forma as questões da Interseccionalidade, em particular as articulações entre raça e gênero, podem ser notados dentro da obra de Lima Barreto.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica porquanto lança luz no papel da mulher negra na sociedade e literatura brasileira, refletindo acerca dos estudos de raça, gênero e a Interseccionalidade na literatura, rompendo com o silenciamento desses corpos e demonstrando a atualidade e o caráter visionário da literatura produzida por Afonso Henriques de Lima Barreto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É de suma importância neste trabalho abordar os temas raça, gênero, Interseccionalidade e o feminismo negro. Logo, serão tratados nesta seção os conceitos e pensadores utilizados como base para a análise, a qual será desenvolvida posteriormente.

No século XVIII, o critério primeiro e mais importante para categorizar as raças era a cor da pele, ou, em outras palavras, a concentração de melanina, ficando assim definido que existiam apenas três: raça branca, negra e amarela. Já no século XIX, além da cor, aspectos tais como o formato do nariz, dos lábios, do queixo e do crânio, bem como o ângulo facial foram também definidos como critérios. Após isso, no século XX, cientistas e geneticistas, após estudos voltados para o sangue e o DNA humano, além de outras questões, chegaram à conclusão de que a categoria raça não era produtiva biologicamente falando (MUNANGA, 2000), em outras palavras, não tinha uma fundamentação científica relevante. Entende-se hoje, portanto, que raça é uma construção histórico-social convencionada e arbitrária que permanece ligada ao imaginário da sociedade. É interessante que para o pesquisador Peter Wade (1997), citado por Monsma,

as diferenças físicas que percebemos como relevantes para a classificação racial são aqueles que diferenciam os europeus dos vários povos por eles conquistados, subjugados ou colonizados desde o início da expansão imperial da Europa no século XV. Ou seja, a racialização do mundo e o racismo são produtos do colonialismo e do imperialismo da Europa e das “novas Europas”, ou colônias de assentamento (MONSMA, 2013, p. 3-4).

Porém, apesar de hoje ser vista como inoperante cientificamente, a categoria raça nasceu dentro da ciência e logo se tornou uma forma de hierarquizar as raças, definindo que uma tinha um valor superior à outra. Existiu, a partir dessa categoria, uma ideia de que havia uma relação intrínseca entre a questão biológica e as características psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Desta forma, a raça branca foi designada como superior às raças amarela e negra, como se, por diversos motivos biológicos, tivesse o direito de dominar as outras raças.

Na verdade, “chamamos de 'racialismo' a crença na existência de 'raças' biológicas e de 'racismo' as formas de racialismo que alegam a superioridade de uma 'raça' sobre outra e servem para justificar a dominação racial” (MONSMA, 2013, p. 1). Por conseguinte, existe uma ideologia que divide a humanidade em grandes grupos chamados raça, os quais têm características comuns entre si, hereditárias, que seriam a causa direta e única para certas características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas. Dentro do racismo, raças diferentes são colocadas numa escala desigual, na qual, por ter determinadas características biológicas, estas causadoras de determinadas qualidades psicológicas e morais mais ou menos estimadas, logo, uma raça seria melhor que a outra e seria apta a governar, dominar e mesmo escravizar outra.

Em outras palavras, o racismo é esse entendimento que considera que as qualidades intelectuais e morais de um dado povo seriam produtos diretos de suas características físicas ou biológicas, dando à raça com características “superiores” o poder de governar sobre as outras (MUNANGA, 2000; MONSMA, 2013). Hoje, acrescenta-se ao racismo, também, uma essencialização histórico-cultural de determinada gente (MUNANGA, 2000). Além disso, do mesmo modo que Campos, entende-se neste trabalho

que o racismo deve ser compreendido como um fenômeno social constituído pelas relações ontológicas entre: discursos, ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideais (cultura); ações, atitudes, práticas ou comportamentos (agência); estruturas, sistemas ou instituições (estrutura) (CAMPOS, 2017, p. 14).

Para o professor Munanga (2000), raça é uma categoria etno-semântica, ou seja, o campo semântico do conceito de raça é ditado pela sociedade e as relações de poder dominantes, de modo que ser negro ou branco, por exemplo, significam coisas diferentes na Inglaterra e no Brasil. Para o pesquisador, o conceito de raça pode ser visto, destarte, como uma realidade social e política, sendo a raça uma construção sociológica e um mecanismo social de dominação e de exclusão.

Além da problemática de raça e racismo, esta pesquisa terá como parte essencial a discussão sobre gênero, o que pede também o entendimento de gênero utilizado para esta análise. Entretanto, antes de abordar este tema, interessa iniciar por uma revisão histórica do Movimento Feminista no Brasil.

Considera-se que este movimento teve início nas primeiras décadas do século XIX, e, tendo isso em vista, o feminismo pode ser dividido, de certa forma, em quatro momentos, ou, como alguns estudiosos chamam, ondas do feminismo. Essas ondas seriam respectivamente as décadas de 1830, 1870, 1920 e 1970, períodos de visibilidade e conquista de diversos avanços e pautas (HOLLANDA, 2019).

No início do século XIX, a primeira e mais importante pauta que guiava a luta pelos direitos das mulheres era o direito a aprender a ler e escrever, até então exclusivo aos homens. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda,

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções para educação de mulheres se restringiam a alguns poucos conventos que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas das prendas domésticas (2019, p. 28).

Durante essa primeira onda, um nome relevante foi, por exemplo, Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), uma das primeiras mulheres a publicar textos em jornais de maior visibilidade no Brasil. Além disso, ela publicou também o livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), o primeiro a tratar do direito das mulheres ao estudo e ao mercado de trabalho, e visto como o texto que fundamentou o feminismo brasileiro (HOLLANDA, 2019).

A segunda onda é já em 1870, período que se distingue pela alta quantidade de jornais e revistas de inclinação feminista, principalmente, mas não só, no Rio de Janeiro. Nesse período, as principais discussões levantadas giravam em torno do direito da mulher ao ensino superior, ao trabalho remunerado, ao divórcio e ao voto. Questões estas ainda discutidas na terceira onda, no século XX (PISCITELLI, 2002), quando se pensa também numa ampliação do mercado de trabalho aberto para mulheres, porquanto cresce o interesse em outras profissões, como dentro do comércio, hospitais, indústrias, entre outros. Nessa terceira fase, se destaca Bertha Lutz (1894-1976), uma grande liderança na luta pelo voto feminino e uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Ainda antes do resto do Brasil, em 1927, Juvenal Lamartine (1874-1956), governador do Rio Grande do Norte, aprovou a lei que deu direito ao voto às mulheres no estado (HOLLANDA, 2019).

Nos anos 1970 é quando se inicia a quarta onda, de grande relevância para a história do feminismo brasileiro. De 1975 até 1985 fica um período conhecido como a década das mulheres, tempo de luta e discussões pelas metas e direitos que o Movimento Feminista defendia. O Dia Internacional da Mulher foi estabelecido durante essa onda, na data de 8 de Março, pela ONU. Como no Brasil, naquela época, se vivia também o período da ditadura militar, o embate contra o regime foi uma das pautas feministas, bem como a censura, a redemocratização do país, a anistia, a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto, e por melhores condições de vida (HOLLANDA, 2019).

Dentro deste contexto histórico, num primeiro momento, gênero se define como uma construção social feita sobre — ou a partir — do sexo, que seria algo dado, um termo biológico que designa as fêmeas. Dito de outra forma, entendia-se sexo como o termo biológico que separa macho e fêmea, assim, gênero seriam as construções sociais, culturais e psicológicas que se sobrepoem à essas diferenças biológicas, construções que são convencionais ou arbitrárias, podendo o entendimento acerca delas variar de uma cultura a outra. Ou seja, como explicou Scott, “‘Gênero’ é [...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75). Contudo, a pesquisadora aponta, nas notas do artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, que há autoras que discordam dessa visão e informa que concorda que essa distinção coloca sobre o corpo um caráter dado e autônomo, “ignorando o fato de que aquilo que sabemos sobre o corpo constitui conhecimento culturalmente produzido.” (SCOTT, 1995, p. 94). Essa visão é corroborada por Oyěwùmí, que exprime que a biologia, enquanto uma construção social, é inseparável do social, e alega: “O gênero é tanto uma construção social quanto histórica.” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 131).

Como explica Piscitelli (2002), hoje, para muitas estudiosas feministas, entende-se que a categoria sexo também é construída dentro da esfera social. Uma das principais pensadoras feministas a entender a dualidade sexo/gênero desta forma é Judith Butler, ela indaga:

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? (BUTLER, 2018, p. 19).

Para a autora, as categorias “sexo” e “gênero” são ambas socialmente construídas, ou seja, não haveria de fato uma diferença entre elas. Além disso, Butler descreve que gênero é performativo, um “feito” ou um “ato”, contudo, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída [...]” (BUTLER, 2018, p. 39-40).

À luz do exposto, percebe-se que o feminismo teve uma longa caminhada de discussões e vitórias, entretanto, quais mulheres se beneficiaram das vitórias políticas e acadêmicas do feminismo?

Sueli Carneiro expõe que o feminismo negro nasce com a intenção de *enegrecer o feminismo* (HOLLANDA, 2019), uma maneira de destacar como o feminismo possuía um histórico branco e de classe média e alta, que diversas vezes ignorou as problemáticas negras. Dentro das produções acadêmicas feministas entre os anos 1970 e 1980 a raça não se mostrou como categoria analítica (RODRIGUES, 2013), inclusive porque, para muitas, a classe era a categoria que nivelava todos igualmente, brancos e negros, o que é um entendimento errôneo, como explica Gonzalez (2020). Por um bom tempo, a batalha feminista era voltada apenas às pautas de mulheres brancas, sendo assim, não foi um feminismo que sempre lutou por *todas* as mulheres.

De fato, interessa explicar que a mulher negra não encontrava apoio ou espaço nem dentro do Movimento Negro, que não abriu espaço para pensar gênero, nem dentro do feminismo, que não abriu espaço para pensar raça (COLLINS; BILGE, 2021). O Movimento Negro era, por vezes, um espaço machista (RODRIGUES, 2013), no qual a mulher negra se via relegada a um espaço secundário e num contexto que apenas apoiava ao homem negro. Ainda assim, para Gonzalez (2020) a mulher negra encontrava maior abertura dentro dos movimentos negros, mesmo que não num protagonismo, do que dentro dos movimentos feministas, que se preocupavam, no máximo, com a questão de classe. Esse impasse no qual a mulher negra não era ouvida nem no feminismo nem no Movimento Negro não era uma problemática exclusiva brasileira, como denunciam as pesquisadoras feministas negras estadunidenses Patricia Williams, bell hooks, Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw.

Dentro do feminismo negro brasileiro, principalmente entre os anos 1980 e 1990, se destacam Luiza Bairros (1953-2016), Beatriz Nascimento (1942-1995), Lélia Gonzalez (1935-1994), Sueli Carneiro (nascida em 1950),

entre outras pesquisadoras relevantes para a área. Todas elas formaram um feminismo negro preocupado em expor que racismo e sexismo devem ser trabalhados juntos, porquanto, assim como Lugones (2008), entendiam que são opressões que se cruzam e atingem a mulher negra, de maneira inseparável.

A Interseccionalidade nasce dentro do feminismo negro, como um conceito, uma ferramenta. Como aponta Carla Akotirene, “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2019, p. 17). É Crenshaw quem cria e usa o termo Interseccionalidade oficialmente em 1989, como um conceito da teoria crítica de raça, inaugurado no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Porém, o tema das articulações entre raça e gênero já permeava o feminismo negro na década de 1970.

Dentro da Interseccionalidade entende-se que existe uma inseparabilidade estrutural, uma interação simultânea, entre o racismo, capitalismo e sexismo, que produzem um cruzamento de opressões pelas quais as mulheres negras são continuamente atingidas. Como bem colocado por María Lugones: “Somente percebendo gênero e raça como inextricavelmente entrelaçados ou fundidos podemos realmente ver as mulheres de cor.”¹ (LUGONES, 2008, p. 82, tradução nossa)

Para Brah (2006), mulheres da classe trabalhadora, mulheres imigrantes e mulheres negras, por exemplo, vão ter reivindicações diferentes dentro do feminismo, e não se pode pensar as problemáticas da mulher como uma categoria universal, sem nunca se atentar para estas outras demandas. Da mesma forma, a pesquisadora alega que estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como questões independentes, como se fossem perfeitamente delimitadas. Brah acredita que o racismo não é um tipo independente e demarcado de dominação, todavia, na verdade, se interliga, por vezes, com classe e gênero. Consequentemente, não convém, dentro da Interseccionalidade, debater uma hierarquia ou competição entre os mais excluídos, nem mesmo fazer comparações nivelantes entre eixos de opressão (AKOTIRENE, 2019).

¹ No original: “Solo al percibir género y raza como entretramados o fusionados indisolublemente, podemos realmente ver a las mujeres de color.”

Conquanto, para Lélia Gonzalez, “a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra” (2020, p. 36), e exemplo disso é o fato de que por muitos anos a mulher branca só conseguiu alcançar uma educação superior e lidar com uma jornada de trabalho, dado que em casa ficava uma mulher, na maioria dos casos negra, no papel de empregada doméstica. Nesse contexto, a Interseccionalidade se faz essencial, visto que “o pensamento interseccional nos leva reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências.” (AKOTIRENE, 2019, p. 27-28).

Foi depois da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban (África do Sul), em 2001, que o conceito se popularizou no meio acadêmico (AKOTIRENE, 2019). Desde então, a teoria interseccional vem crescendo dentro dos estudos feministas, contudo acaba, muitas vezes, por ser ignorada dentro das universidades brasileiras. Exemplo disso são os três livros considerados clássicos da pesquisa acerca das relações entre raça e gênero: *Ain't I a Woman: Black Woman and Feminism*, de bell hooks; *Women, Race and Class*, de Angela Davis; e *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Color*, de Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, todos eles publicados pela primeira vez em 1981. Dentre eles, foram traduzidos o de bell hooks, em 2019, como *E Eu Não Sou Uma Mulher?: Mulheres Negras e Feminismo*; o de Angela Davis foi publicado no Brasil em 2016, como *Mulheres, raça e classe*; enquanto que o de Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa continua sem uma tradução. Tal qual esses, *Black Feminist Thought*, de autoria de Patricia Hill Collins, publicado em 1990, recebeu tradução apenas em 2019, como *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. À luz do exposto, é notável o atraso no contexto brasileiro, no qual cresce vagarosamente o destaque e a preocupação no tocante ao debate do feminismo negro.

Tendo esses conceitos bem definidos, segue-se para a questão dentro da literatura. No que concerne à obra de Lima Barreto, os escritores Oakley (2011) e Sevcenko (1999) serão primordiais nesta análise. Dado o recorte selecionado para investigar a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, o livro *Entre a agulha e a caneta: A mulher na obra de Lima Barreto* (1999), de autoria de Eliane Vasconcellos, faz-se uma referência essencial. Contudo, a

autora, ainda que primordial para este trabalho, enfoca sua análise nas questões de gênero e classe, colocando as problemáticas de raça num local secundário em sua pesquisa.

Existem ainda alguns poucos artigos e teses de graduação, mestrado ou doutorado que se dedicaram a pensar a mulher em Afonso Henriques de Lima Barreto e que serão abordados mais à frente neste trabalho, entretanto, que, em geral, acabam priorizando questões como política e classe, mas não raça e gênero juntos, articulando os dois temas.

Sabe-se que quando se pensa “mulher na literatura”, já se tem em vista que este é um campo recente, que começou a ganhar voz junto com o Movimento Feminista, paulatinamente criando seu espaço dentro da Academia, contudo, os trabalhos que se voltam à essa área estão crescendo em número com o passar dos anos. Já em se tratando da mulher negra na literatura, tanto como personagem quanto como escritora, as pesquisas continuam escassas. Vem daí a inquietação e motivação para este trabalho, visto que é deveras necessário e atual que se entenda e problematize as representações da mulher negra nas produções artísticas brasileiras. Portanto, visando um planejamento bem estruturado deste trabalho, segue-se para a metodologia.

3 METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Portanto, não serão utilizados dados estatísticos como base do processo de análise do assunto estudado, como acontece na pesquisa quantitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Será, então, uma pesquisa bibliográfica visto que foram utilizados livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos, monografias, dissertações e teses como fonte de pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013; LAKATOS; MARCONI, 1992) e todo o trabalho se dará a partir “das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.” (SEVERINO, 2013, p. 76).

Após selecionados os textos que compõem a bibliografia deste trabalho, foi então realizado o fichamento desse material, considerando a importância de ter os dados e conceitos encontrados durante a leitura em fácil acesso para que a organização e redação do Trabalho de Conclusão de Curso seja o mais fluida possível, como bem pontuado por Lakatos e Marconi (1992), e também Prodanov e Freitas (2013).

Visando uma análise das personagens negras de Lima Barreto em diferentes contextos, foram selecionados os contos *Um especialista* (1915) e *O filho de Gabriela* (1915) — todos presentes em *Contos completos de Lima Barreto* (BARRETO, 2010) —, como o *corpus* desta pesquisa. Estes contos foram selecionados porque ambos trazem uma personagem negra em posição de relativo relevo, além de ser possível observar que a representação das personagens carrega uma crítica do autor em relação à situação da mulher negra na sociedade da qual foi contemporâneo. Foi removido da análise o livro *Clara dos Anjos* para que o estudo se desse apenas entre contos, além de já haver certa quantidade de artigos e teses que analisam o livro, que tem como protagonista uma mulher negra.

Para a análise literária, aqui focada no elemento *personagem*, será utilizado o livro *A Personagem de Ficção* (CANDIDO *et al.*, 1968), visando compreender a personagem, um elemento primordial na construção da narrativa, porquanto como elucida Antonio Candido: “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem

exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” (CÂNDIDO *et al.*, 1968, p. 39).

Pretende-se, por fim, um estudo e crítica literária que se orienta pelo viés sociológico, pensando na existência de uma relação entre o texto literário e o elemento externo. Para Gilman (1985), os mitos e os ícones das artes estão envolvidos em fragmentos do mundo real e ajudam a moldar nossa percepção de mundo, de certa forma, assim, os ícones que representam o mundo são ideologicamente carregados. Ele alega: “quando indivíduos são mostrados dentro de uma obra de arte (não importa quão amplamente definida), a natureza iconográfica ideologicamente carregada da representação domina”² (GILMAN, 1985, p. 204, tradução nossa). Como coloca Antonio Candido: “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (2006, p. 14, grifos do autor).

Assim sendo, procura-se relacionar texto e contexto, considerando o elemento social como mais um dos vários que contribuem para a interpretação do texto, e propõe-se “uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (CÂNDIDO, 2006, p. 17). Desta forma, segue-se um caminho que julga-se indispensável na análise dos textos de Lima Barreto e de literatura no geral, e fundamental para a análise que este trabalho em particular fará ao problematizar o lugar social e literário das mulheres negras no Brasil.

² No original: “when individuals are shown within a work of art (no matter how broadly defined), the ideologically charged iconographic nature of the representation dominates.”

4 A MULHER NEGRA NA OBRA DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Nesta sessão de análise, haverá três subtópicos. O primeiro, 4.1 A crítica à obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, trata da crítica ao trabalho do autor e análises já realizadas sobre sua obra. O segundo, 4.2 A mulher na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, trata dos estudos acerca da mulher em sua obra. O último, 4.3 Articulações de raça e gênero em Afonso Henriques de Lima Barreto, por fim, traz a análise deste trabalho sobre os contos do escritor e como a mulher negra é representada neles.

4.1 A CRÍTICA À OBRA DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Certo dia, pouco antes da morte de Lima Barreto, chamaram-no para uma conferência e o escritor aceitou. Contudo, tímido e nervoso, ele escreveu o texto, todavia, sumiu no dia da conferência, sendo encontrado depois, bêbado em um bar. Lima Barreto já lutava contra o alcoolismo na época (OAKLEY, 2011). O curioso, é que o texto que ele escreveu para a conferência que nunca aconteceu foi “O destino da literatura”, no qual ele alega que mais vale o conteúdo de uma obra do que a forma, e que a arte devia ser voltada à angústia que vive-se e enfrenta-se na sociedade. Quando assim era feito, ele acreditava que a arte literária se transformava numa força de ligação entre os homens, algo que os unisse. Nas palavras do próprio Lima Barreto:

Percebi que tem de estilo a noção corrente entre leigos e... literatos, isto é, uma forma excepcional de escrever, rica de vocábulos, cheia de ênfase e arrebiques, e não como se o deve entender com o único critério justo e seguro: uma maneira permanente de dizer, de se exprimir o escritor, de acordo com o que quer comunicar e transmitir (BARRETO, 2010, p. 71)

Para o autor, uma literatura cognoscível era mais do que um desejo ou um ideal, porém, algo que era requerido dele pelo seu próprio tempo: “Não é isso que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu.” (BARRETO, 2010, p. 77).

Ao discorrer sobre a vastidão dos temas abordados na obra de Lima Barreto, Sevcenko (1999) pontua que nenhum deles pode ser isolado, abordado sozinho, “sob pena de se comprometer o efeito grandioso propiciado pelo seu concerto.” (SEVCENKO, 1999, p. 162). Além disso, dentre seus vários personagens, dos mais variados tipos, nenhum aparece como um enfeite ou sem propósito, mas são parte constituintes da militância dentro de sua literatura (SEVCENKO, 1999).

Oakley (2011) aponta como, apesar de não ver a influência estrangeira e as mudanças ocorridas no Brasil frutos dessa influência de forma positiva, mas sim como uma invasão, Lima Barreto bebia bastante de fontes europeias. Sua visão da arte como sendo militante e encaixada dentro de uma função sociológica na qual deveria promover a comunhão e entendimento entre indivíduos conversa com outros autores, dos quais o autor de *Clara dos Anjos* muito se agradou, no caso: Tolstói e Carlyle.

Tendo conhecimento de inglês e francês, o autor era versado em diversas leituras estrangeiras, dos ingleses aos franceses e russos, e nota-se em sua obra influências de Dickens, Balzac, Voltaire, Swift, entre outros que de maneira bastante antropofágica ele se alimenta sem perder sua originalidade, aproveitando-se de um e de outro como bem lhe cabia, acrescentando muito de si próprio (SEVCENKO, 1999).

Vem dessa maneira antropofágica de consumir a produção intelectual estrangeira, provavelmente, uma das características que fazem alguns estudiosos classificarem Lima Barreto como um pré-modernista. Não apenas isso, contudo, o destaque às zonas suburbanas e o foco numa escrita que dava as costas às gramáticas de Portugal foi um dos fatores que fizeram os modernistas de 1922 verem em Lima Barreto aspectos que condiziam com o Movimento, enxergando nele uma “renovação da narrativa, extraído dela exemplos de espontaneidade de expressão e uma consciente utilização da linguagem cotidiana, a mais comum e clara possível” (VASCONCELLOS, 1999, p. 12). Sobre sua obra, pode-se afirmar também que não há na escrita de Lima Barreto traços de naturalismo ou determinismo e a ironia de suas obras tende à sátira e à paródia (SEVCENKO, 1999).

Em se tratando de Lima Barreto, a visão que é consenso geral é de que “a ficção se quer crônica; e a crônica parece aspirar à ficção. Aí realidade e ficção perdem os seus limites.” (VASCONCELLOS, 1999, p. 12). Para muitos, o

escritor era apenas um autor de literatura à *clef*, portanto, inferior (BARBOSA, 2017).

Muito da crítica a Lima Barreto foca-se em sua vivência pessoal, articulando sua vida como um homem negro com suas críticas políticas, à sociedade, e também, por vezes, ao racismo da sociedade da época. Como por exemplo:

A sua obra é construída desses ingredientes: uma constituição pessoal neurótica, os ressentimentos, os desregramentos, a crítica da diplomacia, os recalques contra a sociedade de que se acreditava desdenhado, o instinto revolucionário e de reforma social. (VASCONCELLOS, 1999, p. 13)

Como bem pontuado por Pacheco (2017) o atrelamento entre vida e obra aparece também nas suas biografias: *A vida de Lima Barreto* de Francisco de Assis Barbosa (1988) e *Triste visionário* de Lilia Moritz Schwarcz (2017).

Para Sevcenko (1999), a forma como Lima Barreto acentuava seus personagens e as imagens evocadas por seus textos servia para tirar a realidade cotidiana daquele local frio e comum, quase irrelevante, consequentemente levando o leitor a enxergar o real de forma nua e a tomar uma posição, formar uma opinião. Para ele, “a função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidente dos textos de Lima Barreto.” (SEVCENKO, 1999, p. 162). Fica nítido, para Sevcenko, que os recursos utilizados por Lima Barreto — como a caricatura, por exemplo — tinham a função de suscitar no leitor o desejo de ação, comover e revoltar.

Pode-se dizer que duas imagens se sobressaem entre os críticos a partir do autor: “Por um lado, Lima Barreto foi visto como um maldito e injustiçado; por outro, como um desleixado e desconhecedor da forma narrativa e das normas do bem escrever” (PACHECO, 2017, p. 27). Como também para Pacheco, aqui Lima Barreto será visto como um estudioso crítico, observador da sociedade que o cercava e moldado a partir de seu tempo, vivendo num Brasil que aboliu a escravidão quando ele tinha 7 anos, sem nenhuma preparação para que afrodescendentes pudessem se reerguer e ascender socialmente, dado que a ascensão (econômica, política, intelectual) da comunidade negra não interessava às elites.

Apesar de constantemente retratado como um escritor feroz e maldoso, reduzido às suas críticas ferrenhas — talvez uma tentativa de encaixa-lo no estereótipo do homem negro violento, perigoso e agressivo? —, como foi

discutido, Lima Barreto sabia trabalhar a sensibilidade e diversas vezes retratava como o isolamento emocional e psicológico poderia levar ao fracasso e sofrimento. Lima Barreto narra em *Clara dos Anjos* (1948) e em *Recordações do escrivo Isaias Caminhas* (1909) como as injustiças e preconceitos prejudicavam especialmente o homem negro no Brasil (OAKLEY, 2011), mas também denuncia a objetificação da mulher negra, tal como as problemáticas de classe que se interseccionam nessa mulher.

Por vezes, os adjetivos que definiram Lima Barreto na voz de críticos de seu tempo foram duros, chamando-no “rancoroso”, “amargo” ou mesmo “escritor maldito” (lembrando muito a alcunha de “Boca do inferno” de Gregório de Matos). Nesse aspecto, é possível recordar do trecho no qual Fanon cita Sartre: “O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaça que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos?” (SARTRE, [1948] *apud* FANON, 2008, p. 43).

Pois, como informa Pacheco:

em uma leitura mais atenta de seus romances, contos e crônicas, publicados no início do século XX, salta outra visão: a de Lima Barreto como um homem lúcido, um espírito crítico, de atos coerentes ao seu discurso, ao mesmo tempo imerso e observador de seu tempo, em textos que transbordam a vitalidade de um pensamento que se moldou em uma sociedade feita toda conte ele [...] (PACHECO, 2017, p. 27).

Ainda nas palavras da autora, é importante colocar que: “sua literatura é a revelação de uma vida que para se tornar visível foi construída, traçada, textualizada, imaginada, sem qualquer temor” (PACHECO, 2017, p. 32). A forma como Lima Barreto retrata questões de racismo e classe, tanto em suas crônicas quanto em obras literárias, não deve ser entendida como um simples recalque, vingança ou mesmo raiva, como se tal sentimento fosse injustificado, mas sim como as duras críticas e revolta cabíveis à sociedade que o cercava e o marginaliza, do mesmo modo que punha tantos outros em situação de miséria. Em concordância com a arte militante que era seu ideal, intenciona-se expor como ele denunciava aquela miséria, porquanto via que essa era sua missão.

Por conseguinte, ao contrário do colocado por Oakley, ao se debruçar numa análise de *Clara dos Anjos* como o ‘Alfa e ômega’ de Lima Barreto:

Clara é negra; Cassi Jones é branco, e mesmo que ele estivesse disposto à atitude ditada pela honra e a casar-se com ela, teria que se defrontar com a oposição implacável de sua família à união com *gente de cor*. Mas não é neste aspecto do enredo que Lima Barreto investe sua energia criativa; é sobre Meneses que o fardo da fatalidade flaubertiana pesa tão cruelmente-algo muito mais vasto e problemático do que a simples exploração sexual de mulatas pobres. (OAKLEY, 2011, p. 15, grifos do autor)

Justamente por entender que a vivência de mulheres negras no Brasil não pode ser entendida como simples, mas sim como algo extremamente complexo e problemático, é que neste trabalho será analisado e pensado o papel da mulher negra na obra de Lima Barreto e no Brasil. Consequentemente, o tópico a seguir trata da mulher em Lima Barreto, analisada de forma geral, e, em seguida, tem-se o recorte da mulher negra nos contos do autor carioca.

4.2 A MULHER NA OBRA DE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Lima Barreto não silenciou sobre o seu tempo, criticando sempre o sistema político, a corrupção e os preconceitos que via na sociedade à sua volta. Isso incluiu, diversas vezes, abordar a realidade vivida pelas mulheres das quais foi contemporâneo. Várias de suas personagens femininas representam em suas histórias o papel de tantas mulheres reais que eram ensinadas a aspirar ao amor de um homem e ao casamento, sem nenhum outro propósito de vida. Para aquelas mulheres, não casar e ficar solteira era o pior que podia acontecer, não necessariamente porque isso frustraria alguma de suas vontades ou mesmo pela solidão, mas, principalmente, pelo julgamento externo que essa mulher enfrentaria (VASCONCELLOS, 1999).

Ismênia, de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), é um ótimo exemplo disso. Lima Barreto narra como o casamento era seu único sonho, e a pressão para que se casasse era também externa. Vasconcellos (1992a) aponta como a sociedade (família, amigos, vizinhos) instrui e constrói em Ismênia o desejo de se casar como seu único propósito, e ela acaba magoada pelo noivo, sem sequer se casar e por isso todos passam a enxergá-la como uma pobre coitada. O autor explicitamente questiona a educação dada às mulheres, focada em torná-las boas esposas submissas, sem nenhuma outra

ambição. Enquanto isso, Edgarda (*Numa e a Ninfa*, 1915) e Olga (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*) são exemplos de mulheres que conseguiram casar, no entanto, foram insatisfeitas dentro desse relacionamento.

Já na obra *Clara dos Anjos* (1948), que tem uma primeira versão na forma de conto e um romance que estende a mesma história publicado anos depois, vê-se a história de Clara, uma mulher negra e pobre, filha de um carteiro de subúrbio, que é seduzida por um homem branco, de origem um pouco mais abastada, e é então abandonada, grávida. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto "procurou fazer de sua personagem uma figura apagada, de natureza 'amorfa e pastosa' como se nela quisesse resumir a fatalidade que persegue tantas criaturas de sua casta." (HOLANDA, 1969, p. 8-9 *apud* TEIXEIRA, 1980, p. 41).

Como bem pontuado, é possível observar que Clara é um elemento de denúncia, uma ferramenta da narrativa, não uma personagem ativa, mas sim uma vítima passiva do homem branco. Lima Barreto

[...] expõe um crime mais comum, menos sensacional e raramente expiado: a sedução de moças de cor, pobres e desprotegidas, por indivíduos cuja posição social, prestígio ou amizades permitem-lhes evadir-se da responsabilidade e da justiça. O conto "Clara dos Anjos" é, portanto, não só um simples relato sobre o destino de uma mulata pobre, mas, também, uma denúncia contra a injustiça social (TEIXEIRA, 1980, p.46).

Em contrapartida, nas suas crônicas, Lima Barreto, num primeiro olhar, parece carregar uma visão contraditória e incoerente sobre as mulheres e o lugar delas na sociedade (VASCONCELLOS, 1992b). O autor defendia que a mulher precisava de instrução, era a favor do divórcio e percebia de forma racional como, diversas vezes, o casamento era um negócio, um acordo ou um mecanismo, o qual, muitas vezes, não satisfazia ambas as partes, tendo a mulher como o lado que mais saía insatisfeito.

Não obstante, ele declara ser antifeminista e diversas vezes atacou verbalmente o Movimento Feminista, além de criticar suas representantes e reinvidicações. Ele criticava de forma ferrenha Adalberto Luts e Leolinda Daltro, líderes do Movimento Feminista da época. Em suas crônicas, sempre carregado de ironia, alegava que Luts liderava uma liga em que apenas ela era protagonista, além de alegar que as pautas do Movimento Feminista da época eram inúteis e por vezes fúteis. Incomodava-se, na verdade, com o foco

unicamente no direito pelo voto. Como Vasconcellos (1999) aponta, as críticas ao feminismo por parte de Lima Barreto — por exemplo, ele ter ironizado a ida de um grupo de mulheres ao Congresso assistir à votação do projeto que permitiria à mulher o direito ao voto — se deviam pelo projeto só beneficiar uma pequena quantidade de mulheres: a elite branca feminina. Esses debates que focavam apenas na luta de uma certa camada de mulheres brancas é um ponto que foi criticado também por feministas negras décadas depois, como Lélia Gonzalez. A autora expõe:

[...] a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país. A maioria dos textos, apesar de tratarem das relações de dominação sexual, social e econômica a que a mulher está submetida, assim como da situação das mulheres das camadas mais pobres etc. etc., não atentam para o fato da opressão racial (GONZALEZ, 2020, p. 52).

A Liga pela Emancipação da Mulher, que Afonso Henriques de Lima Barreto tanto criticava, era um grupo de comadres burguesas, que a partir dessa condição de poder convenceram senadores e deputados, deste modo conseguindo direitos apenas para um pequeno grupo de mulheres. Lima Barreto criticava o feminismo que via em seu tempo, inclusive (não só) “por sua convivência com a política do oportunismo e com a corrupção governamental, que instituiu, sem a menor cerimônia, a política do favor e do pistolão” (VASCONCELLOS, 1992b, p. 258), favorecendo a classe dominante, prática comum até hoje.

Lima Barreto não era contra o direito da mulher de trabalhar e prover a si mesma, na verdade, reconhece também o trabalho da mulher como dona de casa, tal como o trabalho da mulher operária e alega que a mulher sempre trabalhou. O autor criticava um feminismo classicista e elitista, despreocupado com as mulheres que não fossem brancas e burguesas (VASCONCELLOS, 1992b). As críticas e posicionamentos do autor acerca do feminismo do início do século XX aproximavam-se, por exemplo, de Maria Lacerda de Moura, que também tinha uma visão crítica sobre o Movimento Feminista, questionando a busca pelos direitos jurídicos e políticos de apenas algumas mulheres mais favorecidas, da classe dominante, enquanto a classe mais baixa permanecia na mesma miséria (ENGEL, 2009).

Assim, fica explícita a postura crítica de Lima Barreto acerca da posição social da mulher em sua sociedade, além de sua opinião visionária acerca da

articulação entre raça, gênero e também classe. Ele problematizava uma questão intencionalmente ignorada pela elite brasileira: as mazelas que o período pós-abolição demonstrava, uma vez que ao extinguir a escravidão e então criar e aceitar o mito da democracia racial, foi criada uma ilusão de igualdade de oportunidades na qual se ignorava que pessoas negras estavam numa condição desfavorecida, quase todas nas classes mais baixas, enfrentando racismo e classismo. Dentro desse cenário, o autor percebe também a situação da mulher negra na qual ela tinha, e ainda tem, a articulação do machismo com o racismo (e ainda as questões de classe) na sociedade brasileira (GONZALEZ, 2020). Além do livro *Clara dos Anjos*, essa crítica pode ser notada também nos contos *Um especialista* e *O filho da Gabriela*, que serão analisados a seguir.

4.3 ARTICULAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO EM AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Segundo Lélia Gonzalez (2020), na sociedade brasileira o processo de exclusão da mulher negra é categorizado por dois papéis sociais atribuídos a ela: o de “doméstica”, que é quando ela exerce profissões como empregada doméstica, merendeira ou servente; e o de “mulata” que é uma objetificação — para Collins (2019) *objetificação* pode ser entendida como uma separação da pessoa negra como sujeito para torná-la num objeto — e também hipersexualização do corpo feminino negro, que pode servir também de “produto de importação”, como algo a ser consumido por turistas e pela elite nacional.

Ambos os papéis têm raízes históricas na escravidão, e a condição de doméstica se assemelha com a antiga posição de “mucama”, a mulher escravizada que era responsável por cuidar da casa-grande: lavava, passava, fiava, tecia e ainda cuidava dos filhos de suas senhoras, enquanto seu próprio filho muitas vezes tinha que ser deixado de lado. A circunstância da mulata também não se afasta do papel da mucama, já que esta também era muitas vezes procurada pelos senhores brancos para a satisfação sexual deles, sendo violada sexualmente (GONZALEZ, 2020).

A imagem reconhecida como Jezebel — nome de origem bíblica — por Collins (2019) se assemelha bastante com o que Lélia Gonzalez explica como sendo a mulata: seria um estereótipo da mulher negra com demasiada sexualidade e promíscua, que usaria do seu “poder de sedução” para ludibriar e manipular. Essa imagem de Jezebel, que atrelava à mulher negra uma visão de ser sexualmente agressiva, tinha como função justificar os assédios e violências sexuais de homens brancos contra mulheres negras no período da escravidão. No livro *Pensamento feminista negro* (2019), Collins discorre sobre como a mulher negra era vista como uma mercadoria repartida, partes de um corpo utilizado da maneira como o mestre branco bem entendesse, sendo reduzida a uma vagina objetificada, assim transformada numa prostituta em potencial. Na atualidade, é comum ver mulheres negras reduzidas à bunda, perpetuando essa sexualização e entendimento da mulher negra como mercadoria.

Gilman (1985) declara que durante o século XIX, a mulher hotentote foi vista como um ícone, um símbolo representativo de toda a comunidade de origem ou descendência africana, principalmente as mulheres, na Europa. O autor pontua como a presença negra, em especial a da mulher negra, era constantemente associada ao sexo na arte, ópera e literatura. Por exemplo, mulheres e homens negros apareciam durante cenas de relações sexuais de alguma forma ilícitas, tendo suas imagens associadas ao comportamento sexual indevido.

O corpo com nádegas avantajadas (esteatopigia) e lábios vaginais proeminentes (hipertrofia dos pequenos lábios, ou “avental hotentote”) da mulher hotentote foi visto como inerentemente sexual. Diversos cientistas conduziram estudos médicos que reverberaram essa crença (GILMAN, 1985), dando um estatuto médico e científico a estereótipos racistas. Essa característica do povo hotentote, compartilhada por alguns outros povos de origem africana, foi utilizada para essencializar todo o povo negro como pessoas de apetite sexual perigoso, primitivo, animalesco e desregulado, algo recriminável entre a comunidade cristã europeia, que, não obstante, não condenava os homens brancos que abusavam sexualmente das mulheres negras.

Um dos maiores exemplos dessa sexualização foi a exibição de Saartjie Baartman, ou Sarah Bartmann, chamada de “Vênus Hotentote”. Ela era exibida

para a elite branca europeia vestindo poucas roupas, que escandalizavam os espectadores, com o propósito de destacar sua nádega protuberante, característica comum de seu povo. Após sua morte aos 25 anos, a autópsia conduzida foi um estudo para atrelar suas características às do orangotango, além da repetitiva pesquisa sobre sua genitália (GILMAN, 1985). “As partes sexuais de Sarah Bartmann, sua genitália e suas nádegas, servem como imagem central para a mulher negra ao longo do século XIX.”³ (GILMAN, 1985, p. 216, tradução nossa)

Nota-se, diante do exposto, a característica que marca por muito tempo a “mulata”: a mulher brasileira de nádegas protuberante que seria o destaque nacional, principalmente no período carnavalesco. Como afirma Braga: “as marcas da Vênus Hotentote estão espalhadas pelos arquivos do período escravocrata brasileiro. Do mesmo modo, as marcas de corpos escravizados esteatopígicos inundam o imaginário brasileiro e chegam às nossas publicidades.” (2011, p. 8). Essa herança africana que causava escândalo, hoje é “apreciada”, uma característica bela ou mesmo desejada, não obstante, a mulher negra é reduzida, essencializada por essa “bunda” que atrai apenas o desejo sexual objetificante.

Ou seja, é essencial pensar a mulher negra em suas particularidades, sem ignorar que nela se articulam dois marcadores de inferiorização, sendo de uma raça considerada inferior historicamente e também de um grupo minoritário, as mulheres (BORGES, 2011). Não se pode ignorar, inclusive, que a esses dois marcadores, por vezes, se junta também o de classe, num cruzamento que ainda pode envolver outras opressões. Ser mulher e negra é viver uma intersecção que desfavorece essa pessoa, reduzindo-a a posições e papéis específicos na sociedade, sendo vista como apenas um corpo para servir, como já foi mostrado com Gonzalez (2020). Nota-se o enraizamento desse papel construído no imaginário brasileiro também em textos literários e acadêmicos, uma vez que é algo que a História brasileira carrega desde tempos antigos. Borges (2011) e Gonzalez (2020) criticam alguns posicionamentos de Gilberto Freyre, que em *Casa Grande & Senzala* declara:

[...] trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de

³ No original: “Sarah Bartmann's sexual parts, her genitalia and her buttocks, serve as the central image for the black female throughout the nineteenth century.”

comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, no ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. (FREYRE, 2004, p. 367 *apud* BORGES, 2011, p. 564).

Como bem pontua Borges (2011), o texto, apesar de parecer um tanto doce ao celebrar a influência negra de forma muito lírica, parece mesmo marcar o lugar social da mulher negra na subserviência, ao cuidar, alimentar, limpar e, ainda, satisfazer sexualmente.

Essa problemática que cerca a mulher negra foi vista por Lima Barreto bem antes de ganhar espaço nas discussões acadêmicas. O autor se preocupava em representar a realidade e denunciar os problemas que o cercavam de forma crítica e lúcida, e ele não se omitiu de expor também a vivência dura que o ser feminino negro experienciava. Aqui, pretende-se analisar como o autor expôs isso em dois contos específicos, a partir das personagens Alice e Gabriela.

Um especialista é um conto publicado como apêndice da primeira edição da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1915. O texto começa por introduzir dois personagens: um comendador e um coronel, ambos portugueses e burgueses. Os personagens são construídos de forma a atrair a antipatia do leitor para com eles, associados a imagens que causam repúdio ou mesmo nojo, gerando personagens de baixo caráter, que não permitem questionar qual a visão que o narrador deseja projetar, logo, tornando difícil criar qualquer tipo de afeição ou reconhecimento com eles. Como no trecho que descreve o comendador: “Por todo ele havia aspecto de um suíno, cheio de lascívia, inebriado de gozo” (BARRETO, 2010, p. 104).

Além disso, é pontuada notoriamente a objetificação feminina por parte do comendador, que, apesar de casado e pai, tinha um fetiche em mulheres negras, as quais via como objetos sexuais, no trecho:

Gostava das mulheres de cor e as procurava com o afincado e ardor de um amador de raridades. [...] A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar (BARRETO, 2010, p. 102).

Depois desse trecho se seguem muitos outros comentários e descrições de objetificação da mulher negra, em especial da personagem Alice, a qual ele se refere como “um petisco que encontrei... Uma mulata deliciosa” (BARRETO, 2010, p. 103).

Se repete, portanto, o fato do comendador associar mulheres negras a uma refeição, uma comida ou um tempero, como se fosse um prato a ser devorado (BORGES, 2011), ou mesmo um produto precioso que seria transportado num navio de carga (HAUDENSCHILD; OLIVEIRA, 2018) e nada além disso. Essa associação da negritude, ou melhor, do *Outro* como uma especiaria ou tempero foi mencionada por bell hooks como algo que continua sendo bem atual; ao discorrer sobre o Outro e a alteridade no hoje, a pesquisadora declara que esse Outro e sua diferença são oferecidos como uma nova mercadoria, um novo deleite, mais intenso e prazeroso do que o que se tinha até então. Ela alega “dentro da cultura da mercadoria, a etnicidade torna-se tempero, tempero que pode animar o prato maçante que é a cultura branca dominante”⁴ (HOOKS, 1992, p. 21, tradução nossa). Para a pesquisadora, a visão do Outro como um tempero exótico, uma especiaria, não é algo que ficou em tempos passados, mas sim algo que a cultura de massas e a mídia não superou na atualidade. Para ela, de muitas formas, este fato é um modo contemporâneo de reviver o antigo interesse no “primitivo”, sendo que além disso, a esperança — do ponto de vista da supremacia branca capitalista patriarcal — é que essas fantasias sobre o Outro continuem a ser exploradas sem afetar o *status quo*.

Ao refletir sobre o papel de Alice como personagem da narrativa, nota-se que ela é apenas descrita pelo olhar masculino, como é comum. De acordo com Millet (1977): “Nas narrativas de autoria masculina, as convenções dão forma às aventuras e moldam as conquistas românticas segundo um direcionamento masculino.” (*apud* ZOLIN, 2009, p. 190). Ou mesmo em Bellin, “[...] elas eram muitas vezes representadas como seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances centrados na experiência masculina” (2011, p. 76). A personagem não é muito relevante para a narrativa, funciona muito mais como um instrumento: ela é um objeto de cena, um mecanismo para descrever a baixa moral e o caráter que o narrador barretiano

⁴ No original: “within commodity culture, ethnicity becomes spice, seasoning that can liven up the dull dish that is mainstream white culture”.

desaprova no comendador. Sua função é a mesma da narração do cenário do cassino que os personagens visitam: construir a imagem negativa do comendador — que nem sequer é nomeado, como se ele não fosse um personagem, mas sim uma ideia, um símbolo representativo de outros homens brancos de sua casta.

Pouco a pouco, Lima Barreto constrói a reviravolta final, dando pequenas dicas ao longo do conto, como, por exemplo, ao marcar certos detalhes aparentemente irrelevantes que vão indicando ao leitor atento que há algo por vir, como na fala do comendador: “É uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Como esta, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns vinte e sete anos! Qual! Nem de longe!” (BARRETO, 2010, p. 104). Mais à frente, Alice conta sua história de vida e retrata como, em seus 26 anos de vida — assim como diversas mulheres negras da vida real em seu tempo e até hoje — viveu uma vida de abuso com homens que a usavam e, por vezes, foi vítima também de violência física, raras vezes encontrando um companheiro que a tratasse decentemente.

Em seguida, Alice inicia o relato da vida de sua mãe, também negra, que teve um parceiro que roubou o pouco dinheiro que tinha e a abandonou com o bebê, vivência que carrega similaridades com Clara, descrita pelo autor no livro *Clara dos Anjos*. Para o leitor atento, é o momento no qual se “junta dois mais dois”. Com as “dicas” entregues ao longo de todo o conto, alguns já podiam imaginar, outros vão desconfiando à medida que o coronel e o comendador ficam cada vez mais tensos ouvindo a história de Alice, que ignora a descoberta dos homens à sua volta. Porém, Lima Barreto não mantém um suspense nem guarda nada para a imaginação, porque o conto acaba com o comendador confirmando a suspeita crescente: “Meu Deus! É minha filha!” (BARRETO, 2010, p. 104).

Utilizando-se do tabu do incesto, Afonso Henriques de Lima Barreto chama a atenção para como, em sua fetichização por mulheres negras, o comendador acaba tendo relações com a própria filha sem nem saber, uma vez que era filha de outra mulher negra que ele abandonou há décadas para criar sozinha uma menina sem o pai. Ele escancara para quem queira, e ainda mais quem não queria ver, uma realidade diversas vezes negada na qual homens brancos se satisfaziam sexualmente com mulheres negras e então as abandonavam quando bem decidissem.

O assunto da coisificação e hipersexualização da mulher negra que Lima Barreto aborda neste conto permanece atual, porquanto ela historicamente foi reduzida a objeto sexual e esvaziada de suas emoções e afetos. Enquanto a mulher branca é aquela escolhida para casar e receber o nome do homem branco, o procedimento para com a mulher negra é “Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e ‘lançá-la” (BARRETO, 2010, p. 103). Ela não é digna do *status* do casamento, por mais que seja procurada e desejada.

Já *O filho da Gabriela* — também publicado como apêndice da primeira edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1915 — é, principalmente, um conto que aborda relações de classe e de raça dentro das relações de gênero entre mulheres. Gabriela é negra e trabalha como doméstica na casa de Laura, mulher branca de condição econômica mais favorável. O texto já inicia com um desentendimento entre a patroa e a empregada, uma vez que o filho desta está doente e Gabriela tenta ao menos sair do serviço para cuidar dele, levá-lo ao médico, ao que Laura rebate: “E que tem isso? Os filhos de vocês agora têm tanto luxo. Antigamente, criavam-se à toa; hoje, é um deus nos acuda; exigem cuidados, têm moléstias... Fique sabendo: não pode ir amanhã!” (BARRETO, 2010, p. 107). Essa fala incita a pergunta: quando era o antigamente? Tal época saudosamente evocada é, evidentemente, a da escravização dos povos afrodescendentes, durante a qual as mulheres negras eram obrigadas a deixar os próprios filhos de lado, em favor de alimentar e cuidar dos filhos das senhoras brancas (GONZALEZ, 2020).

Durante a briga, a patroa se põe a chorar e a empregada chora junto. O autor descreve que Laura, por uma série de razões acumuladas, não segura mais o choro. Gabriela, no entanto, “Na sua simplicidade popular, [...] também se pôs a chorar, enternecida pelo sofrimento que ela mesma provocara na ama.” (BARRETO, 2010, p. 107). Nessa situação de choro, há como que um reconhecimento nas duas mulheres, que parecem se compreender apenas naquele instante, finalmente enxergando melhor uma à outra. Com delicadeza, Barreto narra:

No entendimento peculiar de uma e de outra, sentiram-se irmãs na desoladora mesquinhez da nossa natureza e iguais, como frágeis consequências de um misterioso encadear de acontecimentos, cuja ligação e fim lhes escapavam completamente, inteiramente... (BARRETO, 2010, p. 107).

É possível perceber que, naquele segundo, Laura e Gabriela eram intérpretes de um papel antigo na História brasileira, um papel maior que elas, que não escolheram encenar, contudo, lá estavam, sem bem entender o porquê ou como. Para Gonzalez (2020) existe uma exploração das empregadas domésticas, que são também oprimidas. Não apenas isso, todavia, a autora também defende em vários ensaios que a exploração de mulheres negras no trabalho doméstico assalariado foi o que permitiu que muitas mulheres brancas tivessem oportunidade de lazer, estudo, e também possibilitou que se engajassem nas lutas “da mulher”. Esse papel que Laura e Gabriela interpretam nessa situação do conto parece, então, uma herança histórica da escravidão, na qual mulheres negras, em sua maioria, acabam trabalhando como empregadas domésticas para mulheres brancas.

Então, Gabriela se demite, mesmo após a patroa ceder e aceitar que ela levasse seu filho ao médico no dia seguinte. Porém, Gabriela se vê sem emprego, sem encontrar um lugar que aceite seus serviços. Ela encontra apenas trabalhos como doméstica, e sempre lhe pedem que sirva em mais de uma função: cozinhe, seja ama, lave. E quando não aceita, “Então, não me serve, concluía a dona da casa. É um luxo... Depois queixam-se que não têm onde se empreguem...” (BARRETO, 2010, p. 107).

Durante esse período, seu filho ficava na casa de uma conhecida de Gabriela, isolado, trancado e maltratado e, apesar de jamais explicitar com todas as letras, o autor insinua que Gabriela se prostituiu para que conseguisse algum dinheiro em dado ponto. Como explica Vasconcellos (1999), mulheres mais abastadas que não conseguiram se casar conseguiam viver do ganho financeiro de parentes homens, porém, mulheres menos privilegiadas não tinham tal opção, além disso, a maior parte dessas mulheres das classes mais baixas eram negras. Por conseguinte, tinham como opção para se alimentar a prostituição, e Gabriela, tendo que sustentar também seu filho, pode ter se visto nesta situação.

Consequentemente, Gabriela volta a trabalhar com sua antiga patroa. Sobre a reconciliação entre Gabriela e sua patroa, Engel afirma:

A reconciliação não anularia, entretanto, as profundas diferenças que separavam as duas mulheres pertencentes a universos sócio-culturais distintos e conflitantes. A condição dominada e dependente de Gabriela permanece intocada tanto na decisão de sair

do emprego, quanto mais tarde na de retornar à casa de sua ex-patroa Laura (2009, p. 380-381).

Na narrativa, Laura e seu marido decidem ser os padrinhos do filho de Gabriela e batizá-lo, e o conselheiro decide nomear o menino de Horácio. Pouco tempo depois, Gabriela morreu, ficando o filho aos cuidados de seus patrões. A problemática que Lima Barreto via no casamento aparece também aqui de forma semelhante a como aparece em *Triste fim de Policarpo Quaresma* — como analisado por Vasconcellos (1999) —, citado no tópico anterior, dado que tanto dona Laura como o marido dela viviam em um casamento de fachada, vazio, sem amor de nenhuma das partes. O narrador descreve que o conselheiro, marido de Laura, “Casara-se por necessidade decorativa.” (BARRETO, 2010, p. 107). Pela forma como os sentimentos de Laura são descritos, ela evidentemente pensa o mesmo do companheiro. Fica inequívoco, diante do exposto, que aquele era um casamento de conveniência, muito comum na época (VASCONCELLOS, 1999). Mesmo assim, após a morte de Gabriela, Horácio fica sob os cuidados dela e de seu marido, a despeito da real vontade deste.

É interessante pontuar como o título do conto é *O filho da Gabriela*, e a partir da leitura do conto completo percebe-se que por mais que ele receba o nome de Horácio, dado pelo conselheiro, então viva e cresça naquela casa, criado por Laura e seu marido após a morte da mãe, ele era e seria sempre o filho da empregada falecida. Horácio vive como um “outro”, jamais tratado como um verdadeiro filho ou parte de uma família, ainda que Laura mostre diversas vezes sinal de afeto e algum carinho, ao contrário de seu marido, que deixa nítida a indiferença e por vezes raiva que tem do menino. A criança cresceu tímida, taciturna, como se também sentisse que não fazia parte, não pertencia e que não era bem-vindo. Isto fica explícito no trecho:

Uma tarde, quando isso ia fazer, encontrou dona Laura atendendo a uma visita. Vendo-o entrar e falar à dona da casa, tomando-lhe a bênção a senhora estranha perguntou: “Quem é este pequeno?” — “É meu afilhado”, disse-lhe dona Laura. “Teu afilhado? Ah! sim! É o filho da Gabriela...”

Horácio ainda esteve um instante calado, estatelado e depois chorou nervosamente.

Quando se retirou observou a visita à madrinha:

— Você está criando mal esta criança. Faz-lhe muitos mimos, está lhe dando nervos (BARRETO, 2010, p. 107).

Sendo o filho da empregada negra que morreu, e sendo ele também negro, Horácio permanece como um outro, esvaziado de seu direito de falar com Laura, receber dela afeto e mesmo de chorar. Consequentemente, com o tempo, a saúde mental de Horácio se deteriora com as dores que enfrenta pela vida. Sua madrinha nota: “Viu-lhe o sofrimento de viver à parte, a transplantação violenta, a falta de simpatia, o princípio de ruptura que existia em sua alma, e que o fazia passar aos extremos das sensações e dos atos” (BARRETO, 2010, p. 108).

Ao fim do conto, Horácio é tomado por um mal-estar após se negar a buscar uma roupa para seu padrinho no caminho da escola. Ele se sente ingrato, “mal-criado” por ter se negado a fazer tal coisa. O padrinho o repreende, a madrinha lhe aconselha, entende seus sentimentos. Ele, entretanto, se culpa e pensa que há algo de mau em seu ser para ter respondido com ingratidão a quem, ele pensa, deve tudo. O conto finaliza quando Horácio tem delírios febris causados, aparentemente, pelo sofrimento emocional que essa desavença causou, e o médico informa que após tomar os remédios e descansar, ele ficará bom.

À luz do exposto, nota-se que Alice se encaixa facilmente na posição da “mulata”, enquanto Gabriela é um exemplo do que Gonzalez (2020) define como “doméstica”. Alice, mulher negra, passa por diversas desventuras em sua vida, para acabar num conflito com um quê freudiano ao se ver num relacionamento com o pai. Seu pai é descrito como um personagem repugnante e de baixo caráter, obcecado em objetificar mulheres negras, fazendo-as de brinquedos sexuais que ele larga quando enjoa. A mesma história que viveu sua mãe, ela agora protagoniza. Os traços mestiços, mais próximos à branquitude, que o comendador elogia na mulher, foram herdados dele. Este tipo de conflito pessoal e escandaloso é usado por Barreto como algo muito maior.

Gabriela, mãe solo e negra, carrega consigo a responsabilidade de cuidar do filho sozinha, sem que o pai de sua criança seja sequer mencionado. Ela briga com sua patroa pelo mero direito de se ausentar do trabalho para cuidar do filho doente, contudo, mesmo isso é, no primeiro instante, negado. Desempregada, o autor insinua que teve que se prostituir para conseguir alguma renda, encontrando apenas serviços que pediam dela que exercesse duas ou três funções ao mesmo tempo, como a antiga mucama escravizada.

Nos dois contos de Lima Barreto temos personagens bem marcados, de traços distintivos, como o que pode-se chamar de “personagens de costumes”, portadores de uma característica invariável, ou ainda, como nomeado por Forster, são “personagens planas” (CÂNDIDO *et al*, 1968). Ou seja, são como uma caricatura, exagerados. Nas palavras de Nicolau Sevcenko sobre Afonso Henriques de Lima Barreto: “[...] a realidade não fala por si; é preciso que ela seja exagerada criticamente para revelar os seus defeitos e expor as deformações que despertem o desprezo geral.” (SEVCENKO, 1999, p. 166-167).

O autor explicita a problemática feminina em seu texto com demasiada nitidez, trazendo o assunto da objetificação da mulher negra no começo do século XX, representando e expondo essa “deformação” na sua sociedade contemporânea, como colocado por Sevcenko (1999), temas que ainda demorariam décadas para ganhar espaço nos debates feministas, como as relações de raça entre mulheres brancas e negras. Além disso, em sua obra perpassa também o tópico da solidão dessa pessoa feminina negra, que vivência recorrentemente o abandono afetivo, o que fica nítido em Alice, que não encontra carinho nem afeto em qualquer parceiro sexual, e Gabriela, que não conta com o apoio do pai de Horácio, sequer nomeado no conto.

Em seu livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, Pacheco (2013), demonstra como o discussão acerca da solidão — e a falta de parceiros fixos — é uma problemática antiga para as mulheres negras, tendo ganhado espaço na discussão do feminismo negro já há algumas décadas. Em sua pesquisa, a acadêmica nota que “na afetividade, a raça é, recorrentemente, acionada como um signo de preferência afetiva por um ‘outro’ corpo, não negro, cujas marcas raciais se dividiram entre mulher negra x mulher branca” (PACHECO, 2013, p. 348). Enquanto a mulher branca era encaixada numa moldura de mulher pura, limitada sexualmente ao casamento, e tendo como função a maternidade e os cuidados domésticos, era função da mulher negra suportar o desejo sexual masculino branco, que era legitimado por diversos discursos, inclusive médicos (GILMAN, 1985), que afirmavam a mulher negra como extremamente sexual, de uma libido animalesca. O estupro de mulheres negras era usado também como mecanismo de força e de repressão política (AKOTIRENE, 2019), para humilhar e controlar essas mulheres.

Esse entendimento da mulher negra como objeto, como mercadoria, estrutura as bases para uma solidão que se estende historicamente até o momento presente. Logo, a mulher negra se encontra apenas numa posição erótica ou mesmo de servidão, todavia, nunca como recebedora de afeto ou cuidado. Atualmente, no tocante às relações amorosas heterossexuais de mulheres negras

a escolha dos homens passa pela crença de que ela seja mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crenças relacionadas às características de seu físico, muitas vezes exuberantes. Entretanto, quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social. (HOLLANDA, 2019, p. 293)

O tema da solidão da mulher negra, principalmente a solidão afetivo-sexual, continua a ser abordado na literatura, sendo tópico comum nas obras de autoras negras, como na peça *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas*, de Cidinha da Silva, que traz a representação desse assunto na vida de diferentes personagens negras. Como Lorena Ferreira (2018) aponta em sua análise da peça, a autora retrata a vivência feminina negra que é permeada pelos mais variados abusos, entre eles os físicos, sexuais e psicológicos, e também um abandono que se repete. Fica perceptível, diante do exposto, que a autora representa uma solidão constante na vida da mulher negra.

Essa solidão, apenas recentemente discutida no campo teórico, Lima Barreto representa também em outras obras. Este tema pode ser visto na protagonista do conto nomeado *Lívia*, que é uma mulher negra e pobre que acorda cedo para preparar o café da manhã de todos na casa. Ela sonha com um homem chamado Godofredo, que passearia com ela na rua, de braços dados. Porém, na vida real, seu cunhado a maltrata e vê nela uma empregada, um bicho. Para ela, o casamento era a única forma de fugir de seu pai e seu cunhado, que a atormentavam, e ascender socialmente. Ela se imagina em contraste com sua madrinha, rica, que diversas vezes viajava pela Europa, entretanto, “ela para ter alguma coisa devia querer pouco. Bastava pois que lhe tirassem dali, fosse esse, fosse aquele; mas... se em todo o caso pudesse ser um mais assim... seria muito melhor” (BARRETO, 2010, p. 166).

Pode-se ver Livia como um retrato da situação da mulher da época: dependente de um bom casamento para subir na vida, como Ismênia. Tal qual para muitas outras, o casamento era uma possibilidade de ser um tanto mais livre, de se comportar de forma menos regrada e sair do jugo paterno (VASCONCELLOS, 1999). E no caso da mulher negra não era muito diferente, talvez, na verdade, apenas mais difícil. Ela crê que essa era a única solução e aguarda, se dá a um e outro, contudo, nenhum casa com ela. Ela não ama nenhum, e por nenhum foi amada. Relega o amor; ela quer uma vida melhor e o casamento para ela é apenas o meio para esse fim.

Outro exemplo dessa solidão e abandono é *Babá*, um conto incompleto de Lima Barreto no qual dois tópicos já abordados são representados: a mulher negra no lugar de servidão e sua solidão. O narrador-personagem em primeira pessoa é um enfermeiro, que conta como acaba sofrendo junto com uma mulher preta e já muito idosa, de rosto cansado e que passou seus últimos dias internada no hospital para morrer. Ela, escravizada desde jovem, teve filhos que morreram e outros dos quais não tinha notícias. Era comum na época que o estupro de mulheres escravizadas se desse para gerar novos escravizados para o senhor, e foi isto o que se deu com Quirina, nome da personagem. Logo, seus filhos são levados dela para servir senhores, serem vendidos e sofrerem a escravização, bem como ela.

A profunda solidão de Quirina é sentida pelo personagem que conta sua história:

E quando, naquele dia, ao saber aquilo eu fui à noite repousar ao meu quarto não me saía da imaginação aquela figura doída, cheia de sofrimento e de resignação, que, durante um longo prazo de seu século fornecera aos que lhe cercavam ternura, amor e trabalho e que agora, como um esquife vivo, já sem memória e quase sem viver, vinha morrer sem uma lágrima, sem um ai de alguém, de alguma criatura deste enorme planeta sublunar. (BARRETO, 2010, p. 379)

O personagem pensa e ruma, se indigna até, com a forma como, após servir e cuidar por tantos anos, Quirina é largada num hospital para falecer sozinha, como “um delicioso fruto gozado que se atira depois o bagaço ao lixo.” (BARRETO, 2010, p. 379). O narrador a compara, no auge de seu corpo velho, moribundo e enrugado, a uma “antiga rainha da Núbia” (BARRETO, 2010, p. 379). O conto jamais foi concluído, porém cabe ser mencionado como mais um fruto da criatividade de Lima Barreto, que representava feridas profundas da

população negra, enxergando, de forma visionária, as cicatrizes carregadas pelas mulheres negras.

As personagens Quirina e Gabriela se aproximam, portanto, do que Collins (2019) denomina como a imagem da *mammy*, a mulher negra como uma serviçal obediente, que aceita seu local subordinado, e “ao amar, alimentar e cuidar dos filhos e das “famílias” brancas melhor que dos seus, a *mammy* simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite masculina branca” (COLLINS, 2019, p. 171). Em Lélia Gonzalez (2020), como já mencionado, a “mucama” carregava a função de cuidar dos afazeres domésticos, tarefas que as mulheres negras teriam que continuar cumprindo após a abolição, tendo o trabalho como empregada doméstica uma de suas únicas opções, porque a oportunidade de estudar, ou mesmo de apenas saber ler e escrever, era um luxo que a maior parte delas não tinha. Para Gonzalez, nasce da mucama o que no Brasil ela chama de *mãe preta*, a que cuidou e educou os filhos dos senhores brancos.

Lima Barreto traz Alice, Gabriela, Livia e Quirina para fazer a diferença diante de uma tradição de representações da mulher negra como um ser sexual e unicamente lascivo, tão comum na literatura e cultura brasileira, a exemplo de Vidinha de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852), de Manuel Antônio de Almeida; Rita Baiana de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo e Zefa Cajá de *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego (OLIVEIRA; SANTOS, 2018). O autor traz personagens planas, simples, contudo, sua sensibilidade na representação das histórias e sentimentos da mulher negra é sem dúvida algo que diverge de muitos outros autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que sua denúncia seja entendida e alcance qualquer leitor com facilidade, Lima Barreto exagera suas personagens, deixando de lado formas narrativas e a escrita “pomposa”, permanecendo fiel à sua literatura militante, ao seu ideal de uma literatura que deveria servir para expor a dor da condição de ser humano e que deveria ser compreendida por todos. Como mostra Sevcenko (1999), o autor escreve para chocar e instigar o leitor a alguma ação através da indignação, o seu ideal é comunicar ao leitor, seu objetivo máximo é ser compreendido, daí sua utilização de uma linguagem informal, acessível para que cada leitor entendesse sua crítica.

Por muito tempo, e por motivos que podem ou não estar relacionados aos preconceitos particulares, a crítica de Lima Barreto desconsiderou o lugar da mulher em sua obra, e mais esquecida ainda ficou a mulher negra. Porém, nesta análise mais atenciosa ficou perceptível que, apesar de utilizar Alice como um elemento para aumentar o repúdio contra o comendador, o autor não deixa de lado a denúncia da experiência vivenciada por ela. Alice não é vítima de uma fatalidade da condição de mulher negra, mas sim da objetificação de homens que a veem como um prato exótico. É evidente que o autor traz características interseccionais em seu trabalho ao destacar como a mulher branca, a esposa do comendador, é a esposa abandonada em casa, a qual deve ficar restrita aquele ambiente, no entanto, à mulher negra cabe a função de satisfazer sexualmente o homem branco até que ele não a queira mais. Essa problemática que diferencia o tratamento sofrido entre mulheres brancas e negras, que só ganhou espaço na discussão feminista a partir dos anos 1980, a narrativa barretiana traz já em 1915 mostrando o caráter visionário dos textos do autor.

Também em *O filho de Gabriela* vemos o retrato de debates interseccionais, uma vez que nele Lima Barreto traz não só a mulher branca insatisfeita no seu casamento de conveniência, tema recorrente em suas obras, contudo, principalmente a mulher negra que é responsável por cuidar da casa dessa mulher e servi-la em tempo integral, em condição ainda muito semelhante à escravização, já abolida apenas na lei. Nessa representação da sociedade brasileira, Lima Barreto denuncia que a abolição em 1888 relegou as

peessoas negras a uma condição de miséria, num ambiente ainda deveras preconceituoso, no qual quase não tinham chance de ascensão financeira. Nesse contexto, muitas mulheres negras tiveram que continuar no mesmo papel de mucama, apenas com um novo nome, entretanto, ainda responsável por servir pessoas brancas.

Lima Barreto cristaliza em sua narrativa algo que se desenvolvia na sociedade brasileira, trazendo duas mulheres negras, Alice e Gabriela, em narrativas muito diferentes, porém, que se aproximam quando se percebe que as duas representam os papéis sociais que da mulher negra é esperado representar. Dessa forma, é inequívoco que dentro da literatura militante de Lima Barreto a mulher negra é representada de forma sofrida, muitas vezes num papel de servidão, como uma forma do autor denunciar o entrecruzamento do racismo e do sexismo sobre esta mulher. De forma lúcida, o autor expõe em *Um especialista* a maneira como homens brancos oprimem e sexualizam a mulher negra há séculos, e também, ainda mais à frente de seu tempo, narra em *O filho de Gabriela* como as relações entre mulheres brancas e negras podem ser de opressão.

O autor não ignora, contudo, evidencia como a raça e o gênero estão interseccionados, de forma que uma não deve ser separada do outro, pensados como categorias divididas, de separação bem marcada. Quando Lima Barreto destaca que o comendador é casado, mas deixa de lado sua esposa branca para “degustar” de mulheres negras como se fossem uma especiaria, ele chama atenção para como a raça tem um papel fundamental em determinar como se dá a opressão de gênero. Enquanto a mulher branca serve para casar e procriar, a mulher negra serve para fornicar, para o sexo desregulado e muitas vezes forçado, e seus filhos servem para servir — como foi explicado, ter filhos com mulheres afrodescendentes escravizadas era um recurso utilizado também para aumentar o número de escravizados. O escritor explicita também algo majoritariamente ignorado até hoje, todavia, denunciado pela escritora Lélia Gonzalez (2020): a maior independência e liberdade da mulher branca foi repetidas vezes conseguida às custas de mulheres negras, preteridas e mantidas num lugar de servidão da qual até hoje lutam para sair.

Silenciar a dor e fechar os olhos para as mulheres negras é perpetuar essa opressão histórica, compactuar com uma sociedade que retirou dessa pessoa seu caráter humano e fez dela a mula e a mola do mundo. Lima

Barreto, ainda no princípio do século XX — ainda num contexto permeado por teorias racistas dentro de ambientes médicos e científicos que validaram quem via a pessoa negra como inferior — enxergou essa problemática e não silenciou sobre isso, representando em seus contos e livros a dura vivência dessas mulheres de maneira lúcida e crítica.

Com sua linguagem simples, o autor aborda temas complexos que assombram a sociedade brasileira até hoje, gerando diversas discussões nos ambientes acadêmicos e fora deles. Seu caráter visionário fez com que sua obra fosse ignorada por alguns críticos de seu tempo e também pelos leitores letrados que, em sua maioria da elite, não desejavam ler sobre pobres e negros, muito menos ler tão visivelmente as críticas políticas cruas de Afonso Henriques de Lima Barreto. Hoje, no entanto, essa mesma característica que o fez ser ignorado o torna atual e relevante, um autor que deve ser estudado e lido por suas obras que agregam para a cultura, a sociedade e a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARBOSA, Francisco. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BELLIN, Greicy. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, p. 75-85, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12201>. Acesso em: 1 nov 2020.
- BORGES, Luciana. Personagens femininas mulatas no universo ficcional de Lima Barreto. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA-SINALEL, 2., 2011, Catalão. *Anais [...]*. Catalão, 7-10 jun. 2011.
- BRAGA, Amanda. Dispositivos de uma beleza negra no Brasil. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia, *Anais [...]*, Uberlândia, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/628.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMPOS, Luiz. Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 95, p. 1-19, 2017.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio *et al.* *A Personagem de Ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. O Movimento Das Mulheres Negras No Brasil. In: KOLLONTAI, Aleksandra ... [et al.]. *Introdução ao pensamento feminista negro: por um feminismo para os 99%*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ENGEL, Magali. Gênero e política em Lima Barreto. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 32, p. 365-388, jan./jun. 2009.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Lorena. Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas: reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra. *Darandina Revista Eletrônica*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 1-18, dez. 2018. Disponível em: <http://www.uff.br/darandina/files/2018/12/Artigo-LorenaRibeiro.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2022.

GILMAN, Sander. Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 12, n. 1, p. 204-242, set./dez. 1985.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAUDENSCHILD, André; OLIVEIRA, Cristiano. A representação da mulata no conto “Um especialista” (1904), de Lima Barreto. *Rascunhos Culturais*, Coxim, v. 9, n. 18, p. 154-177, jul./dez. 2018.

HOLLANDA, Heloisa (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. Eating the other: desire and resistance. In: HOOKS, bell. *Black looks: race and representation*. Boston: South End Press, 1992. cap. 2. p. 21-39.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

MONSMA, Karl. Racialização, racismo e mudança: um ensaio teórico, com exemplos do pós-abolição paulista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, *Anais [...]*, Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364748564_ARQUIVO_Monsmatrabalho.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André (org.). *Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói: EDUFF. 2000. p. 15-34.

OAKLEY, Robert. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Ilzver; SANTOS, Nayara. Solidão tem cor? uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. *Interfaces Científicas — Humanas e Sociais*, Aracaju, v.7, n.2, p. 9-20, out. 2018.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PACHECO, Ana. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.

PACHECO, Keli. Lima Barreto: breve discussão sobre a (não) fronteira entre vida e obra. *Synthesis*, Lages, v. 2, n. 2, p. 25-32, dez. 2017.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) Mulher?. *In*: Leila Algranti (org.). *A prática Feminista e o Conceito de Gênero*. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013, Florianópolis, *Anais [...]*, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303618_ARQUIVO_cristianorodriguesFG2013.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVERINO, Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.

TEIXEIRA, Vera. Clara dos Anjos de Lima Barreto: Biópsia de uma Sociedade. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 17, n. 1, p. 41-50, jun./set. 1980.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: A mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VASCONCELLOS, Eliane. A mulher na obra de Lima Barreto. *Travessia*, Florianópolis, n. 25, p. 70-79, jan. 1992a.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: Misogino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. *In*: CANDIDO, Antônio (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 1992b, p. 255-269.

ZOLIN, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217- 242.